

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA

Andrea Cristina de Oliveira Souza

Eliane Rúbia Rodrigues Matos

**OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NA INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Belo Horizonte
2021

Andrea Cristina de Oliveira Souza

Eliane Rúbia Rodrigues Matos

OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NA INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Artigo de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Centro Universitário UNA –
Campus Guajajaras, como requisito parcial
para obtenção do título de Psicólogo(a).

Orientador: Prof. Dr. Acrísio Luiz Gonçalves

Belo Horizonte
2021

OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NA INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Resumo: O transtorno do espectro autista é marcado por uma tríade constituída pela dificuldade de comunicação verbal e não verbal, comportamentos repetitivos e comprometimento da interação social. Diante disto, o objetivo deste trabalho foi descrever como a música pode influenciar positivamente no tratamento das crianças diagnosticadas com autismo. Foi realizada uma revisão bibliográfica integrativa sobre o tema, com análise de artigos que descrevem a importância da música no tratamento dessas crianças. Ao realizar a pesquisa se conclui que a música pode ser um instrumento de grande importância se usado para fins terapêuticos, mas constata-se que ainda faltam trabalhos empíricos que corroborem com a eficácia da música nos tratamentos. Dessa forma, demarca-se a necessidade de outros estudos sobre o tema para que os benefícios da música no tratamento de crianças com autismo sejam mais bem identificados e descritos.

Palavras-Chave: transtorno do espectro autista; música; musicoterapia; psicologia; neurociência.

Abstract: Autism spectrum disorder is marked by a triad consisting of difficulty in verbal and non-verbal communication, repetitive behaviors, and compromised social interaction. Therefore, the objective of this work was to describe how music can positively influence the treatment of children diagnosed with autism. An integrative literature review on the topic was carried out, with an analysis of articles describing the importance of music in the treatment of these children. When carrying out the research, it is concluded that music can be an instrument of great importance if used for therapeutic purposes, but it appears that there is still a lack of empirical works that corroborate the effectiveness of music in treatments. Thus, there is a need for further studies on the subject so that the benefits of music in the treatment of children with autism are better identified and described.

Keywords: autistic spectrum disorder, music, music therapy, psychology neuroscience.

1. INTRODUÇÃO

O emprego de atividades musicais com crianças é uma prática usada em muitos contextos e pode ser utilizado como um tipo de intervenção em saúde com grande potencial para a psicologia. De acordo com Nascimento *et. al* (2015), por exemplo, a música, além de proporcionar bem-estar, pode ser grande aliada para o desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA). Diante disso, identifica-se a possibilidade de descrever e compreender o papel da musicoterapia no contexto clínico de tratamento de crianças diagnosticadas com TEA.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (APA, 2014) caracteriza o TEA como transtorno do neurodesenvolvimento. Os pacientes com TEA podem apresentar déficits na comunicação ou interação social, tanto na linguagem verbal quanto não-verbal, padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, além de sensibilidade a estímulos sensoriais. No entanto, cada paciente é afetado de forma e intensidade diferentes.

Por se tratar de um transtorno, é necessário tratamento para auxiliar no processo de melhora no contexto clínico do paciente e no seu desenvolvimento como sujeito para que, assim, ele seja capaz de construir e aprimorar suas habilidades e comportamentos. E a música se insere no campo de possibilidades terapêuticas. De acordo com Sampaio, Loureiro e Gomes (2015), historicamente, a música sempre foi associada não só ao entretenimento, mas também como uma medida para acalmar e relaxar a mente, o que pode produzir maior sensação de bem-estar.

A música também possui aplicabilidade terapêutica quando inserida no tratamento de crianças com o diagnóstico de TEA, sendo de extrema importância para que essas crianças tenham um tratamento mais humanizado. Ela auxilia esses pacientes atuando nos aspectos da comunicação verbal e não verbal. É possível construir essa comunicação entre o terapeuta e o paciente apenas pelo som emitido, ou seja, pela melodia da música, o que representa grande avanço no quadro do transtorno, já que os autistas têm características muito particulares em relação à comunicação. Ademais, segundo Bertoluchi (2011) *apud* Nascimento et al. (2015), a música tem a capacidade de promover o equilíbrio emocional e a socialização, bem como auxiliar no desenvolvimento da linguagem e da capacidade inventiva, contribuindo também em aspectos como expressividade, coordenação motora e motricidade fina, percepção sonora e espacial, raciocínio lógico e matemático, estética e apreciação do som.

Nesse contexto, este trabalho pretende compreender como a música pode ser aliada à psicologia na proposição de um caminho para um tratamento mais naturalista de crianças diagnosticadas com TEA. Para isso, serão apresentados os benefícios da utilização da música no contexto social vivenciado pela criança, sua família e os profissionais de saúde que a acompanham, bem como os processos, percursos e trajetórias que reforcem o quão importante pode ser a música no tratamento de crianças com TEA. Assim, serão apontados caminhos e possibilidades de intervenções no autismo a partir dessa perspectiva, abrindo um diálogo músico-terapêutico eficaz que proporcione uma qualidade de vida melhor às crianças com TEA.

2. MÉTODO

Neste trabalho utilizou-se a metodologia de revisão bibliográfica integrativa – um tipo de pesquisa bibliográfica que analisa tanto trabalhos empíricos quanto teóricos (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014). Assim, foram analisados textos acadêmicos sobre o uso da música no tratamento de crianças com TEA. Os artigos foram selecionados nas bases da SciELO e Pepsic. As combinações de termos utilizados para a busca foram “Autismo & Música”, “Autismo & Musicoterapia” & “TEA e Música”. Como resultados dessas buscas, foram encontrados e analisados 25 artigos.

A leitura dos títulos e resumos dos artigos encontrados foi realizada para verificar a relação dos artigos com a temática do presente trabalho. Como critérios de inclusão, optamos por artigos redigidos em língua portuguesa que remetiam à temática abordada. Como critérios de exclusão, não foram considerados artigos para revisão em língua estrangeira, duplicados e que não remetiam à temática proposta. Dessa forma, dos 25 artigos encontrados foram excluídos 13 artigos, sendo um redigido em língua inglesa e um em espanhol. Outros sete artigos não remetiam à temática do trabalho e quatro estavam duplicados. Feitas essas avaliações, restaram doze artigos que foram foco de estudo e análise.

Os artigos analisados são apresentados na tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Artigos analisados

Autores(as) e Ano de Publicação	Título dos Artigos
CARVALHO (2012)	O Ritmo como Questão nas Manifestações Singulares do Autista
ERCOLE; ALCOFORADO (2014)	MELO; Revisão integrativa versus revisão sistemática

FRANZOI; SANTOS; BACKES; RAMOS (2016)	Intervenção Musical Como Estratégia de Cuidado de Enfermagem a Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em um Centro de Atenção Psicossocial
FURTADO; STERVINO; VIANA (2017)	A Dimensão Musical de Lalíngua e seus Efeitos na prática com Crianças Autista
LOURO (2021)	Educação Musical, Autismo e Neurociências
LUCERO; VIVÉS; ROSI (2021)	A Função Constitutiva da Voz e o Poder da Música no Tratamento do Autismo
MOUSINHO; GIKOVATE (2016)	CÂMARA; Quem Canta, Seus Males Espanta: Um ensaio sobre autismo, cegueira, canto, inclusão, superação e sucesso
NASCIMENTO; ZANON; BOSA; NOBRE; JUNIOR (2015)	Comportamentos de Crianças do Espectro do Autismo com seus pares no contexto de Educação Musical
OLIVEIRA; MAGALHÃES; AMORIM; CARVALHO (2021)	RÊGO; OLIVEIRA; Contribuição da Musicoterapia no transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura
ROCHA; BOGGIO (2013)	A música por uma óptica neurocientífica
SAMPAIO (2018)	O Protocolo de Análise Semiótica Musicoterapêutica de Canções e seu uso como instrumento de Avaliação Musicoterapêutica
SAMPAIO; LOUREIRO (2015)	A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica
SILVA (2020)	Os Efeitos Terapêuticos da Musicalização em Crianças com Transtorno do Espectro do Autista (TEA): Uma revisão da Literatura

FONTE: Autoria própria.

Os artigos em questão foram lidos em sua íntegra e as análises realizadas foram sistematizadas em três categorias, a saber: 1) Música e Neurociência; 2) Linguagem Musical – Voz e Ritmo no Contexto do TEA; e 3) Intervenção e prática. Os resultados das análises e a discussão realizada são apresentados a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Música e Neurociência

Na revisão dos textos, os assuntos foram divididos em vários subtemas, sendo abordadas temáticas diversas, tais como: percepção de estímulos auditivos, música e movimento, música e linguagem, música e emoção, música e movimento e música e neuroplasticidade. O princípio norteador diz respeito a entender como o cérebro se comporta diante dos estímulos musicais para que depois, de maneira adequada, a música possa ser utilizada e aplicada na clínica como intervenção terapêutica. Uma vez obtido o entendimento

de qual é a influência da música para o cérebro, será possível mostrar quais os reais benefícios da música no tratamento clínico e musicoterápico da criança com TEA.

No livro “Educação Musical, Autismo e Neurociência”, Louro define a música como um “complexo conjunto de informações acústicas organizadas coerentemente em um contexto temporal no qual nosso cérebro consegue organizar em conceitos” (LOURO, 2021, p. 25). No que concerne ao TEA, a autora ainda afirma que “a música sempre teve uma enigmática relação com o autismo, pois não são incomuns habilidades musicais surpreendentes nessas pessoas” (LOURO, 2021, p. 26). Louro, no entanto, chama atenção para o fato de que os cientistas ainda não conseguem explicar como e por que isso ocorre, apesar das pesquisas para entender esse processo musical.

De acordo com Sampaio, Loureiro e Gomes (2015), a “neurociência tem buscado compreender como o sistema nervoso está estruturado, com o intuito de compreender como esse sistema processa a música como estímulo percebido e ação no mundo” (2015, p. 137). Em direção semelhante, Rocha e Boggio (2013) apontam a importância de entender como é o funcionamento do cérebro, como a música é percebida em diversas áreas cerebrais e qual a relação da música com a memória, com a linguagem e com as emoções. Esses autores evidenciam através dos estudos de imagens como a música é interpretada pelo cérebro humano:

Técnicas como imagem por ressonância magnética (IRM) têm possibilitado, por exemplo, a verificação de diferentes volumes de estruturas cerebrais específicas como o corpo caloso, córtex motor e cerebelo quando se compara músicos de alto desempenho e não músicos (SCHLAUG *et al.*, 1995 apud ROCHA; BOGGIO, 2013, p. 132).

E eles ainda mostram como efeitos neuroplásticos agem no cérebro.

Nesse sentido, muito tem se discutido sobre efeitos neuroplásticos resultantes do treino musical, por exemplo. Já estudos com IRM funcional (IRMF) têm possibilitado o estabelecimento de correlações entre determinadas áreas cerebrais e funções, habilidades musicais ou processamento de sons (ROCHA; BOGGIO, 2013, p. 132).

Os estudos realizados por esses autores também demonstram a importância da aplicabilidade da música no ambiente clínico através da musicoterapia ajustada ao tratamento de crianças com TEA. Nele, a perspectiva adotada é a busca de melhora da comunicação tanto verbal como não verbal, bem como intervenções no contexto social dessas crianças.

É importante ressaltar que o TEA tem como característica a presença de uma tríade clássica definida pelo comprometimento da comunicação verbal e não verbal, comportamentos repetitivos e restritivos e comprometimento da interação social. Nota-se ainda outro dado

relevante sobre esse transtorno: “Além das alterações na tríade autística clássica (interação, comunicação e comportamento), verifica-se a presença de déficit intelectual em, pelo menos, 60 a 70% da população com autismo infantil típico” (GIRODO, NEVES e CORREA, 2008, KLIN, 2006; TAMANAHA; PERISSINOTO; CHIARI, 2008 apud SAMPAIO; LOUREIRO; GOMES, 2015, p. 139).

A questão da cognição social no TEA é outro aspecto importante abordado por Sampaio, Loureiro e Gomes (2015). De acordo com esses autores, “a cognição social pode ser compreendida como o conjunto de processos cognitivos ativados em situações de interação social” (p.142). É através desses processos que é possível perceber e avaliar as interações sociais. A partir dessa conceituação, os autores discorrem sobre música e musicoterapia no TEA, enfatizando o que é música, sua história e como tem sido utilizada em muitos processos e experiências.

A música é um fenômeno humano que está presente em todas as culturas conhecidas e tem sido utilizada desde entretenimento e o favorecimento de experiências estéticas a acalmar crianças agitadas, eliciar emoções, favorecer a coesão social, expressar consciência social e crenças religiosas, dentre várias outras funções (GFELLER, 2008; KOELSCH, 2014 apud SAMPAIO; LOUREIRO; GOMES, 2015, p.145).

É interessante notar que a música, por si só, tem o poder de produzir alterações no estado fisiológico do ser humano de maneira a influenciar comportamentos, além de pensamentos que podem ser favoráveis ao que se refere ao campo emocional. Entende-se que as particularidades musicais existentes são essenciais para se utilizar em cenários que o TEA esteja presente, pois há uma importante relação que pode ser utilizada favoravelmente:

A literatura sobre a autismo relata uma intensa relação das pessoas com tal transtorno e a música, sendo considerado o aspecto não-verbal da música o principal meio de engajamento entre a pessoa com TEA e seu interlocutor, seja quando apresentada uma música puramente instrumental, ou em situações de um texto cantado ou narrado (SAMPALIO; LOUREIRO e GOMES, 2015, p. 146).

Com esse embasamento, os autores se utilizam de estudos de imagem para mostrar como as áreas relacionadas à percepção auditiva e à melodia se comportam através do córtex temporal.

Os estudos ainda revelam que a música, assim como a linguagem, também é amplamente abrangente, se valendo do mesmo parâmetro do som.

Tanto a música quanto a linguagem valem-se da manipulação dos diferentes parâmetros do som para sua organização sonora, além de compartilharem a

necessidade de uma organização hierárquica. Para a fala, utiliza-se grande variação de timbres em um curto espaço de tempo, formando-se vogais e consoantes. Na música, há maior variação de alturas e a duração de cada som é maior do que na fala. Ao mesmo tempo, as variações de duração desempenham papel mais importante do que na fala, tendo que ser realizadas de maneira precisa. Apesar das diferenças citadas, música e linguagem têm, ambas, organização sintática e implicam compreensão semântica (PATEL, 2008; PATEL *et al.*, 1998; ZATORRE; BELIN; PENHUME, 2002 apud ROCHA; BOGGIO, 2013, p. 135).

Para Viana, Furtado, Vieira e Stervinou (2017, p. 2), música é a alternância padronizada entre sons e silêncios. Essa alternância engloba parâmetros fundamentais chamados de “qualidades específicas” da música, tais como a altura, a intensidade e o timbre.

A altura é relativa à frequência de ondas sonoras provocadas pela vibração de um corpo em determinado momento; intensidade se refere à força com que o som é produzido, representando a amplitude das vibrações; e, por último, o timbre, que é definido como qualidade específica do som, o que permite distinguir as diferentes vozes ou instrumentos. A esses parâmetros do som associam-se: a melodia, concebida como periodicidade de vibrações sonoras sucessivas que podem ser percebidas, como a identidade de uma determinada nota; a harmonia, que se refere à simultaneidade de sons; e o ritmo, também chamado de pulso, que se trata da repetição padronizada da alternância entre som e silêncio, apresentada por meio de frequências percebidas como recortes de tempo (VIANA; FURTADO; VIEIRA; STERVINO 2017, p. 3).

A música também tem importante papel no movimento. Através da percepção do som, o sujeito interage diretamente com o movimento do corpo, o que promove uma interação entre o córtex auditivo e o motor: “Um aspecto importante da música, tanto em sua percepção quanto em sua produção é a capacidade de gerar interações auditivo-motoras no cérebro de quem executa e, também, no de quem ouve” (ROCHA; BOGGIO, 2013, p.134).

No que tange às emoções, é necessário destacar o papel que a música tem, sendo canal de expressão que traz à tona várias delas: “A capacidade da música de evocar emoções é uma das suas características mais bem reconhecidas pelos ouvintes” (ROCHA; BOGGIO, 2013, p. 136). Nesse sentido, a música pode ser utilizada para regular as emoções. Nesse quesito específico, os autores atentam para uma questão importante, que é o fato de essa capacidade “de regular emoções, apesar de amplamente observada no dia a dia, ainda necessitar ser mais estudada” (ROCHA; BOGGIO, 2013, p. 136).

Embora não se saiba ao certo como acontece, a música também traz benefícios reais para a memória. A relação entre música e memória é algo que ainda precisa de estudos, como assinalam Rocha e Boggio, (2013), “O uso de música como recurso mnemônico traz dúvidas a respeito da natureza da memória para música. Ainda não se sabe se a memória para música pode ter as mesmas características que a memória para outros tipos de eventos” (ROCHA;

BOGGIO, 2013, p. 137). Estudos abordando a interrelação memória-música devem continuar sendo realizados não somente para provar a eficácia mnemônica musical como também para tentar explicar como isso se dá.

A prática da música no ambiente terapêutico tem sido muito utilizada no Brasil e em outros países. Isso se dá mais precisamente com a adoção da musicoterapia no contexto clínico. Sampaio, Loureiro e Gomes (2015), ao discorrerem sobre essa temática, trazem para discussão outros autores para sustentar a pesquisa. “A musicoterapia consiste em um processo sistemático de intervenção no qual o terapeuta ajuda o paciente a promover sua saúde utilizando experiências musicais e a relação terapêutica” (BRUSCIA, 2000 apud SAMPAIO, 2018, p. 307). Apesar de já presente no contexto clínico, é preciso que a prática musicoterapêutica seja conduzida por profissionais especializados como educadores musicais, psicólogos, terapeutas ocupacionais e, principalmente, musicoterapeutas. São esses os agentes capazes de entender as dificuldades enfrentadas por uma criança com TEA e, conseqüentemente, quais são os principais pontos de atenção na hora de desenvolver um trabalho musical.

No contexto clínico, o paciente vivencia a música de acordo com suas necessidades e de acordo com os objetivos do terapeuta. Ao trazer os aspectos musicais para as vivências clínicas do TEA, há de se observar que deve haver objetivos claros e efetivos no tratamento de crianças com esse transtorno, uma vez que existem aspectos que são muito particulares a serem trabalhados, como comunicação verbal e não verbal, comportamentos repetitivos e comprometimento da interação social.

Como principais objetivos clínicos musicoterapêuticos possíveis com a pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo: entrar em comunicação, partindo do nível em que a pessoa se encontra; desenvolver e/ou ampliar a capacidade de autoexpressão; diminuir ou extinguir comportamentos patológicos indesejáveis, tais como isolamento, hiperatividade, autoagressividade, estereotípias, tensões emocionais, desorganizações da linguagem etc. (CRAVEIRO DE SÁ, 2003 apud SAMPAIO; LOUREIRO; GOMES, 2015, p. 149).

O tratamento de crianças com TEA, portanto, apresenta várias razões que justificam recorrer à música como importante ferramenta de tratamento no contexto da musicoterapia. Elementos musicais relevantes são amplamente explorados como possibilidades de intervenção clínica e podem ser utilizados tanto para com o paciente bem como sua família e em outros contextos também. Vale o registro do que a Federação Mundial de Musicoterapia diz sobre o assunto:

Musicoterapia é o uso profissional da música e de seus elementos como uma intervenção em ambientes médicos, educacionais e cotidianos com indivíduos, grupos, famílias ou comunidades que busca otimizar sua qualidade de vida e melhorar sua saúde e bem-estar físico, social, comunicacional, emocional, intelectual e espiritual. A pesquisa, a prática profissional, o ensino e o treinamento clínico em musicoterapia são baseados em padrões profissionais de acordo com contextos culturais, sociais e políticos (WORLD FEDERATION OF MUSIC THERAPY, 2011, apud SAMPAIO; LOUREIRO; GOMES, 2015, p. 148).

O terapeuta utiliza-se, portanto, do processo musical para promover a saúde do paciente de forma sistemática, por meio de vivências contextualizadas na realidade da música. De acordo com Sampaio, Loureiro e Gomes, (2015) e os vários autores citados por eles, tem-se um leque de meios a partir dos quais a música pode ser utilizada, tais como: “atividades de audição, performance, composição e improvisações musicais” (SAMPAIO; SAMPAIO, 2005 apud SAMPAIO; LOUREIRO e GOMES, 2015 p. 149). Ao entender e atuar sobre esses processos, compreende-se, por exemplo, o que ocorre quando se associa a fala e o canto, já que, apesar de serem processadas de maneira independentes, ambas se valem do som e seus elementos (como ritmo, melódia e harmonia) para se organizar. Assim, pacientes com TEA são beneficiados no quesito terapêutico quando a entonação melódica é adotada no contexto clínico.

Indivíduos autistas, que podem apresentar déficits linguísticos graves, podem se beneficiar de terapias relacionadas ao canto, uma vez que muitos deles se interessam por música. Embora não haja muitos estudos relacionando música e benefícios linguísticos para autistas, existem relatos de casos isolados em que se utilizou uma adaptação da MIT com resultados positivos na aquisição de linguagem em autistas. No entanto, estudos ainda devem ser conduzidos nessa área para que se possa propor um tratamento específico para autistas envolvendo música (WAN *et al.*, 2010 apud ROCHA; BOGGIO, 2013, p. 136).

A partir de uma escuta ativa e direcionada, é possível fazer com que a criança tenha uma audição atenta para o que ocorre à sua volta no fazer musical. Assim, ela se torna mais consciente para o que é significativo musicalmente, potencializando atividades como o canto e o que ele pode produzir de ganhos para a fala.

Até aqui, foram apresentados e explicados alguns dos benefícios da música no contexto musicoterápico. Contudo, mesmo entendendo o contexto que envolve a importante relação entre música e o campo da neurociência e o modo como ela é utilizada na musicoterapia, é preciso avançar no conhecimento essencial que leva ao estudo das temáticas associadas à relação da música e da voz. Essas também são questões que podem ser aplicadas na clínica e no tratamento da criança com TEA.

3.2 Linguagem Musical – Voz e Ritmo no contexto do TEA

O transtorno do espectro do autismo é marcado principalmente pela dificuldade de interação social, prejuízo na fala, falta de coordenação motora e falta de contato físico, dentre outros sintomas. Por esse motivo, cada vez mais surgem estudos que abordam a importância da música, do canto, do ritmo e da voz no tratamento de crianças com TEA. Mas, embora já mais comuns, ainda poderiam ser mais os estudos sobre o assunto. Isso porque alguns autores afirmam que a música apoia a criança na socialização, no contato com as outras crianças, na interação com os pais e professores e a ajuda na linguagem verbal e não verbal. São fatores que se traduzem em benefícios que levam à indicação da música como um complemento na terapia, sendo importante trabalhar elementos associados às questões de linguagem, voz e ritmo, que precisam ser melhor entendidos, sendo também interessante saber por que razões eles podem ser articulados nesse contexto.

A linguagem pode se apresentar em muitas formas e situações de comunicação, inclusive a linguagem musical que, associada com o que já se conhece de linguagem e das necessidades dos indivíduos com TEA, acredita-se seja um precioso recurso para o desenvolvimento da linguagem. A partir de uma análise psicanalítica, Viana, Furtado, Vieira e Stervinou (2017, p. 7) afirmam que, “com seus jogos temporais rítmicos”, “a música traz elementos que marcam a própria constituição do sujeito”. Nesse sentido, o terapeuta recorre a todas as circunstâncias do uso da linguagem, inclusive a musical, utilizando-se os parâmetros do som e do ritmo durante a intervenção com as crianças com TEA. No entanto, uma ressalva se faz necessária. Como vimos até o momento, algumas crianças com esse transtorno podem não suportar ruídos sem melodia e tão desconexos. Quando o som tem ritmo e está acompanhado por uma relativa organização, esses podem ter efeitos significantes no tratamento das crianças autistas. Esse ponto de atenção é bem relevante quando se trata de crianças com TEA já que se sabe que todo ruído ao redor da mesma se torna de uma intensidade extrema. E a música vem justamente para auxiliar no tratamento dessa sensibilidade, pois não trabalha meros ruídos, mas consiste no devido alinhamento entre a melodia e o ritmo. Ainda em relação ao ritmo, existe uma maior compreensão para o que está sendo ensinado. Quando há essa organização musical e os barulhos são substituídos, a resistência do autista diminui de maneira significativa.

Quando a voz é associada ao trabalho de utilização da linguagem musical, principalmente a questão do ritmo, pode-se esperar que a criança obtenha melhoras no desenvolvimento motor, da fala e da interação social. Nesse último caso, inclusive, é

importante ressaltar que ela aprimora esse mecanismo perdendo assim, o receio de interagir com seus pares, sejam eles crianças ou adultos. De acordo com Carvalho (2012), a música tem uma relação intrínseca com a voz e essa evidência apoia a possibilidade de sua exploração em contextos que tragam mais significado às vivências da criança com TEA.

Crianças devem ser estimuladas de maneira adequada para que se obtenha um resultado positivo. E a música promove estimulações desse tipo, sendo uma das peças-chaves na terapia com crianças portadoras do TEA. Mas há de se lembrar que esse aprendizado é um desafio e é preciso saber fazê-lo com eficiência.

Grande interesse dessas crianças pela música, construindo a hipótese de que a facilidade de aproximação que esses sujeitos têm com a matéria deve-se ao fato de que a música “não convoca” e, portanto, não demanda nada. Logo, seria um meio não invasivo de contato, o que possibilitaria maior abertura para o outro (Lima 2009, p. 31, Apud VIANA; FURTADO; VIEIRA; STERVINO 2017, p. 6).

Como vimos, seja no tratamento seja em seus ambientes, indivíduos com TEA assistidos pelo uso da música precisam muito de incentivos e apoio ao seu desenvolvimento, sendo os estímulos musicais canais de ampliação desses incentivos. Nesse caso, eles permitem que as deficiências das crianças com TEA sejam mais bem amparadas de modo a proporcionar para elas um aprendizado mais leve, mais eficaz e mais prazeroso.

Nesse sentido, vale ressaltar a importância do ambiente familiar, em que a música geralmente está presente desde a infância, primordialmente por meio do canto. Segundo alguns autores, cantar é uma habilidade inata que vai sendo desenvolvida a partir da experiência social, ou seja, a criança não nasce sabendo cantar, ela vai desenvolvendo essa habilidade ao longo de sua vida e o principal canal é sua própria família (PERETZ, 2006, p. 6-7 apud SAMPAIO, 2018 p. 310).

Partindo do exemplo da realidade familiar, percebe-se que o ambiente musical, em seus variados contextos, interage com o ser humano e, por essa razão, alguns profissionais utilizam desse recurso e linguagem nas mais variadas situações de tratamentos: na saúde mental, em sujeitos com TDAH, síndrome de down e, como já vimos, no contexto do TEA, são poucos os estudos que apresentam a aplicabilidade da música na terapia com a criança portadora desse transtorno. O que existem são alguns apontamentos de seus benefícios e a elaboração de um trabalho relacionando música e crianças com TEA ainda requer mais investigação.

Alguns autores voltam ao estudo do início da vida do ser humano para observar outros pontos de vista acerca do que já foi tratado até aqui, reforçando a percepção de que é preciso

maior entendimento sobre os efeitos do som, da voz e do ritmo e todo o contexto musical no tratamento de crianças com TEA. Nos primeiros sons que a mãe balbucia com o bebê, por exemplo, alguns autores atentam para a base de onde a voz, a música e o ritmo se originam: “O ritmo musical – modo como as notas e o silêncio se organizam num espaço de tempo – existe em lalingua antes mesmo do advento da fala propriamente dita, no período de lalação” (Quinet, 2012, p. 11, Apud VIANA; FURTADO; VIEIRA; STERVINO 2017, p. 3). Mas, o que seria lalingua? Lalingua são os primeiros sons que a criança balbucia antes de falar. São sons trocados com a mãe. Diante dessa afirmação, estes autores chegam à conclusão de que, desde antes de aprender a falar realmente, a criança já tem essa intimidade com o ritmo. Com isso, caso a criança seja diagnosticada com o TEA, o analista poderá usar a música para o tratamento da criança amparado também pelas afirmações desses pesquisadores e na expectativa de bons resultados no tratamento. Viana, Furtado, Vieira e Stervinou (2017, p. 3) citam a história de uma garota autista Carly Fleishmann (2012), que contou por anos, através de um computador seu entendimento sobre a linguagem. Ela conta que a quantidade de estímulos no mundo é tão grande que ela não consegue filtrar, sentindo-se assim, invadida. Sobre este aspecto, citando Lacan (1975, p. 133-134), tais autores indicam que, em relação ao autista, tudo ao seu redor tagarela.

Ainda sobre as dificuldades vivenciadas por uma criança com TEA, era comum encontrar na literatura algumas expressões comparando essas crianças com tomadas desligadas, conchas vazias ou papagaios, o que fez com que, historicamente, as crianças com TEA não fossem consideradas sujeito devido às dificuldades, principalmente na linguagem (CARVALHO, 2012, p. 3). Por outro lado, alguns autores sugerem que não se pode afirmar a ausência de sentido da linguagem no TEA, destacando que a linguagem dos autistas é metafórica e seus processos linguísticos não diferem dos empregados por pessoas ditas normais (CAVALCANTI; ROCHA, 2001 apud CARVALHO, 2012, p. 3). É nesse sentido que a música entra na terapia dessas crianças, facilitando a capacidade poética mencionada e desenvolvendo ainda mais o uso que já fazem da linguagem metafórica. Com isso, essas crianças são colocadas em uma posição de igualdade com as crianças típicas, ou seja, sem o transtorno, quando o assunto é se expressar por meio da linguagem.

Esclarecidas as relações da linguagem musical no contexto do tratamento de crianças com TEA, a partir deste ponto serão abordadas as questões práticas, através de algumas experiências reais de como a música no contexto clínico, educacional e familiar de fato pode ser utilizada em benefício das crianças acometidas pelo TEA.

3.3 Intervenção e prática

A compreensão do contexto neurocientífico em relação à música e sua importância, o entendimento sobre o processo de intervenção na ótica da musicoterapia e a explanação que foi realizada sobre voz e ritmo, ficarão mais claras a partir de uma abordagem sobre a prática de utilização musical no tratamento do TEA, seja ela na clínica, no ambiente educacional, familiar ou em centros de atenção psicossocial.

Como já foi dito anteriormente, os prejuízos do TEA estão presentes na vida de quem possui autismo e mais notadamente nas áreas afetadas que constituem uma tríade de dificuldades na comunicação, na interação social e no comportamento. Em cada um dos ambientes sobre os quais vamos tratar, serão abordados casos que mostram atuação sobre esses prejuízos.

As primeiras observações serão feitas em relação a ambientes educacionais, onde será analisada a aplicação da música e se realmente há benefícios de sua utilização para com crianças que possuem TEA. Quando se estuda esse ambiente em particular, há uma gama de possibilidades, tendo em vista justamente a interação social dessas crianças, envolvendo ora seus pares, ora os adultos, ora seus colegas, o que torna o ambiente interessante para o trabalho musical e sua investigação.

Para essa discussão, os autores Nascimento, Zanon, Bosa, Nobre, Júnior e Silva (2015) trazem uma importante investigação realizada com duas crianças autistas de uma escola regular em Belém, que cursavam o jardim de infância. Elas participaram de aulas de percussão em grupo no período de três meses em uma escola de música. Nesse caso, depois do método definido, dos instrumentos escolhidos e dos procedimentos devidamente aprovados, as atividades foram definidas em 6 passos, tendo ocorrido a escolha do repertório musical. Assim, três processos básicos estariam presentes em todas as aulas, fornecendo meios através dos quais as crianças pudessem socializar como, por exemplo, troca de instrumentos e atividades de roda. Também foram utilizadas a execução rítmica das mais variadas formas e brincadeiras que envolvessem movimento corporal. Após a coleta de dados, foram analisados separadamente os resultados de cada aluno.

E as análises apresentaram efeitos positivos e satisfatórios. Houve ganhos, por exemplo, na socialização e apreensão de comandos. Nos comportamentos dirigidos, também foram registradas melhoras no contato visual, envolvimento interativo e atenção conjunta. Outras pontuações positivas de resultados evidenciaram melhorias em aspectos do

desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor, além de incrementos na comunicação verbal e não verbal. Houve, ainda, aumento qualitativo na execução de todos os aspectos musicais e da interação social.

Ainda de acordo com Nascimento, Zanon, Bosa, Nobre, Júnior e Silva (2015), a investigação já deixou evidente o ganho em decorrência da adoção do ambiente musical junto aos alunos autistas. De tal maneira que eles afirmam a importância de se manter a continuidade dessas aulas e que outras ações sejam feitas na área educacional em relação ao uso da música com crianças autistas.

Em outro estudo, realizado em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) do Distrito Federal, em 2014, com 6 grupos diferentes de crianças com TEA, Franzoi, Santos, Backes e Ramos (2016) acompanharam o plano piloto dessa instituição, que utilizou a música como intervenção junto aos processos de enfermagem no atendimento e tratamento dessas crianças.

O CAPSi dá assistência individual e em grupo fazendo uso das mais variadas atividades. E, além do cuidado, os enfermeiros têm como desafio o atendimento clínico. Com isso, eles estão dispostos a lançar mão de vários instrumentos para oferecer assistência aos seus pacientes, sendo a música foi uma das ferramentas utilizadas para a promoção da saúde mental das crianças com TEA. Eles entenderam que “a intervenção musical contribui significativamente para o alívio da ansiedade, do estresse e para a promoção do relaxamento, além de ser útil nos casos de isolamento social” (FRANZOI; SANTOS; BACKER; RAMOS, 2016, p. 2). Além do mais, acredita-se que a intervenção musical também aponta para uma melhora geral na tríade autística.

Nesse estudo, as intervenções foram realizadas por profissionais da área da saúde, como “enfermeiros, psiquiatra, terapeuta ocupacional, nutricionista, fonoaudióloga, psicóloga e técnico de enfermagem” (FRANZOI; SANTOS; BACKER; RAMOS, 2016, p. 3). As atividades musicais foram elaboradas a partir de vivências que propiciassem experiências para abarcar a ludicidade, motricidade, linguagem e interação social, entre muitas outras que pudessem ser consideradas benéficas para as crianças no contexto do TEA. Dentre algumas delas, estão canto, improvisação, composição, movimento com danças, audição, instrumentos, vídeos e histórias musicais. Esses atendimentos estruturados por meio da música implicaram em respostas positivas às intervenções propostas. Dentre essas respostas, destacam-se a

interação social e a estimulação da comunicação com expressões faciais, fala ou emissões de sons. A relação com os objetos e com o próprio corpo também foram ressaltadas pelos autores.

Algumas crianças também apresentaram uma mudança qualitativa na relação com os objetos e com o próprio corpo, pois os movimentos e gestos repetitivos que realizavam a todo o momento passavam a ser realizados em um novo contexto de dança, de execução de instrumentos musicais e de brincadeira. Jogos sonoros e musicais baseados nas estereotípias que a criança apresenta conferem sentido a esses gestos repetitivos, motivando assim uma mudança qualitativa na relação com os objetos e o próprio corpo. (FRANZOI; SANTOS; BACKER; RAMOS, 2016, p. 6).

No contexto da aplicação musical no CAPSi, portanto, prevaleceu o registro de respostas gerais positivas. Tal observação também favorece no sentido de apresentar evidências para a adoção de tratamentos que trazem a intervenção musical e seus novos sentidos para o contexto das crianças com TEA.

Já o estudo realizado por Lucero, Vivés e Rosi (2019) investigou a importância da presença de mais de um analista durante a sessão de terapia de uma criança com autismo. Como a interação entre os analistas ajuda para que o contato não seja tão direto, a criança fica mais à vontade para se aproximar sem se sentir forçada, pois tudo que é forçado para um autista pode ser de um sofrimento extremamente intenso. Os autores constataram a importância da voz para o analista para se comunicar, brincar e cantar com as crianças, extraindo delas uma euforia ao ponto de trazê-las para a brincadeira sem maiores sofrimentos. A música, quando trabalhada nas brincadeiras, tem a capacidade de transitar nos aspectos lúdicos e ajudar no desenvolvimento da fala das crianças com TEA. Os autores ainda mostraram que os analistas, ao partirem de uma abordagem psicanalista, introduzem elementos importantes na análise, partindo do entendimento da constituição do sujeito a transferência e a direção do tratamento. Ou seja, o analista deixa de lado seus sentimentos e se coloca totalmente no lugar do sujeito em tratamento, para que possa sentir e entender o que a criança autista está sentindo e conseguir se comunicar com ela.

Nesse estudo, os autores seguiram um modelo da instituição pública francesa, o denominado *Groupe Relais*, composto por três profissionais da saúde como educadores especiais, três crianças autistas entre três e quatro anos, um estagiário de psicologia (graduado e em formação psicanalítica) e uma supervisora, a Dra. Marie-Christine Laznik. Os educadores se revezaram na atenção às crianças, buscando facilitar a interação entre elas; o estagiário foi encarregado da filmagem das sessões e edição dos vídeos para supervisão; e a supervisora escutava e orientava o trabalho dos educadores e do estagiário. Durante duas horas, os autistas

tiveram liberdade para escolher suas brincadeiras e acabaram se interessando pelas atividades uns dos outros ou buscaram algum tipo de interação. Não houve nenhuma proposta de atividade forçosamente coletiva no grupo, exceto nos 30 minutos finais, em que todos se reuniam ao redor da mesa para lanche. Nenhum trabalho de elaboração conceitual sobre essa experiência foi formalizado, mas a análise dos vídeos permite verificar os progressos das crianças.

Lucero, Vivés e Rosi (2019), então, seguiram o modelo, propondo um projeto de pesquisa e extensão sobre ‘O uso de objetos na direção de tratamento psicanalítico da criança autista’, com a ajuda da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e do serviço público de saúde mental infanto juvenil municipal, o CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infantil). Eles acreditaram que essas parcerias poderiam favorecer a ampliação do cuidado a crianças diagnosticadas ou com suspeita de autismo encaminhadas para o CAPSi.

No projeto, o grupo contou com três crianças entre três e quatro anos diagnosticadas como autistas, usuárias do CAPSi, cinco psicólogos e dois estudantes de psicologia, todos em formação psicanalítica. Foram mantidas as duas horas de duração, reservando os 30 minutos finais para o lanche, e o formato de um adulto para cada criança, sem que esses ‘pares’ fossem previamente estabelecidos. Os autores do estudo entendiam que esse formato seria coerente com a aposta de que as próprias crianças podem se manifestar na escolha do interventor com quem interagir e que algo de uma posição subjetiva comparece nessa escolha. Nas graves psicopatologias infantis, como ressaltam alguns autores (VORCARO, 1999 Apud LUCERO; VIVÉS; ROSI, 2019), faz-se necessária a suposição de um sujeito, num ato de antecipação, antes que haja um. Mas diferente do *Groupe Relais*, esse projeto, contou com um interventor extra tanto para suporte nos momentos mais difíceis quanto para o registro de imagens das sessões. Outro ponto de distinção foi o fato de que quem se ocupou da edição dos vídeos não foram os estudantes, mas os profissionais. Assim, quem filmava não era a mesma pessoa que revia as cenas e o psicólogo que se ocupava dos cortes era aquele que deveria conduzir a supervisão.

Os autores da pesquisa procuraram entender os efeitos de uma criança sobre a outra no atendimento em grupo e o efeito do uso de objetos, mais diretamente o objeto câmera, onde toca a pulsão escópica.

A potencialidade da criança para o vir a ser um sujeito habitado pela linguagem e que possa compartilhar do discurso social, fazendo laço com os semelhantes, não é estática como pressupõe um diagnóstico seja qual for. Se o sujeito muda, o diagnóstico também pode mudar. Ele não precisa acompanhar a criança para a vida toda. A infância é o período da vida mais plástico, é o tempo do

desenvolvimento e da maturação do sistema nervoso central, o da construção da subjetividade, obra em andamento (SIBEMBERG, 2015, p. 105 Apud LUCERO; VIVÉS; ROSI, 2019, p. 4).

A premissa adotada pelos autores considera que a psicanálise entende as atividades lúdicas, no contexto do atendimento de crianças com TEA, como um trabalho de intensa elaboração, já que organizam o que a criança recebe do outro. Isso pode ser observado considerando o caso da participação de uma das crianças atendidas no grupo durante a pesquisa, que apresentava enormes dificuldades de comportamento e compreensão que poderiam ter sido causadas por uma comorbidade orgânica, por exemplo, Síndrome Alcohólica Fetal. A criança era agitada, desajeitada e, inicialmente, suas atividades no grupo restringiam-se a estourar balões. Deste barulho, surgiu o significante “pow”, que ela emitia assim que via uma das analistas do grupo. O “pow” passa, então, a ser ouvido como demanda para encher balões a serem estourados. Em seguida, a criança começa a imitar o movimento de assoprar para encher o balão. Esse sopro remete à história dos Três Porquinhos e, então, a criança não tarda a uivar. Pelo menos foi isso que outra analista ouviu, sugerindo haver um lobo mau querendo entrar na sala. Todos do grupo ficaram surpresos com essa possibilidade e outra criança entra na brincadeira. Esse é um exemplo que evidencia e apoia assertivas que possam confirmar que realmente o som tem grande influência no tratamento das crianças com TEA.

Os casos apresentados até aqui revelam que, apesar de serem poucos os contextos práticos, há grande relevância da música quando aplicada de forma objetiva no tratamento clínico ou no âmbito educacional. De modo geral, esse tema tem sido abordado neste trabalho, mas vale ater-se a um contexto mais pessoal para o entendimento mais real e profundo da vivência musical. Nesse sentido, Mousinho, Câmara e Gikovate (2016) apresentam a experiência de vida de S. L., que desde a infância se agarrou à música para vencer seus desafios. Além de autista, S. L. também era cego. E com o uso do canto superou todas as dificuldades e alcançou o sucesso em sua vida. Todo o seu desenvolvimento foi uma sucessão de surpresas, desde que nasceu cego e foi diagnosticado aos 2 anos e 8 meses com autismo. Fez terapia comportamental e somente aos 5 anos começou a falar. Sua alfabetização em Braille iniciou-se aos 8 anos. Para tentar aliviar seus problemas de comportamento foi-lhe oferecido o piano, mas demorou a fazer sentido devido ao uso inadequado do instrumento. Apesar disso, era clara a percepção de que a música fazia sentido para ele e era a única forma de acalmá-lo diante de suas crises de violência e agressividade. Aos 12 anos, notou-se uma sensibilidade ao erudito e assim o canto entrou em sua vida. Apesar dos desafios, S.L. voltou aos estudos do piano e foi matriculado no Bacharelado de canto na UFRJ, onde se graduou como tenor.

O processo de inclusão de S.L. foi permeado de adaptações para que ele conseguisse vencer todos os seus desafios e concluir seus estudos. Professores, colegas e a família estavam em constante busca de soluções que pudessem orientá-lo e ajudá-lo em seu processo de formação. Tanto que todo o contexto universitário foi modificado na medida do possível para atendê-lo, como por exemplo, a nomeação de uma professora responsável para acompanhá-lo durante todo o curso. As aulas também foram adaptadas para o seu contexto.

Nas aulas de técnica vocal, S. L. melhorou a emissão de voz. Ele possui ouvido absoluto e um talento nato; porém tratava-se de um caso em que a imitação foi seu maior aliado. Para a leitura, eram utilizadas a memória e partituras mentais. Foi preciso um trabalho extenso de intervenção e treinamento para que S. L. chegasse a um nível de interpretação satisfatória, que consistia em demonstrar sua emoção por meio da execução musical e através do canto. Com as intervenções do tratamento, ele foi capaz de aprender a demonstrar suas emoções através da música. Com isso, aprendeu a interpretar, encenar e a contar histórias cantando. Também participou de várias apresentações acadêmicas no decorrer da sua graduação, além de uma apresentação no concerto de Plácido Domingo. Ele chegou até a fazer o seu próprio recital. Portanto, fica evidente que a música ajudou S.L. a desenvolver habilidades nas quais antes ele tinha muita dificuldade. Devido ao TEA, suas emoções, comunicação e interação precisavam de mais atenção – e o uso da terapia conjugada com a música o ajudou a vencer seus desafios.

4. CONCLUSÃO

Tendo em vista as possibilidades de adoção da música em variados contextos, este trabalho nasceu com o intuito de mostrar quais os benefícios que ela pode trazer para as crianças em tratamento clínico em função do transtorno do TEA. Além disso, a proposta foi mostrar a importância e relevância da música para psicólogos, indicando como ela pode ser uma eficaz ferramenta de intervenção clínica, já que é possível observar a potencialização do desenvolvimento quando a música é inserida na terapia.

Dessa forma, foi realizada uma pesquisa bibliográfica integrativa que analisou textos de diversas vertentes teóricas – neurociência, psicanálise e análise do comportamento –, de forma a demarcar as várias possibilidades da música na intervenção com crianças com TEA. A partir de alguns estudos apresentados nessa pesquisa, foi possível observar que a música, no que concerne ao TEA, exerce não somente papel terapêutico, mas também educacional e social.

Foram identificados importantes resultados e possibilidades nas intervenções realizadas, apontando para a ampliação dos benefícios de tratamentos clínicos integrados à prática musical.

Quando a música é inserida nas brincadeiras e jogos interventivos, essas atividades se tornam mais agradáveis e as intervenções mais lúdicas e naturais. Por isso, de acordo com Nascimento *et. al* (2015), a música, além de proporcionar bem-estar, pode ser grande aliada para o desenvolvimento das crianças com TEA. Nessa direção, os estudos mostram que a música pode ser utilizada na promoção de habilidades comunicativas, tanto as verbais como as não-verbais, através de canções, por exemplo, onde se trabalha intensivamente os aspectos da oralidade das crianças com TEA. No que diz respeito à socialização, também se observa ganhos terapêuticos, ao passo que muitas crianças aprendem a lidar em diversas situações com seus pares. Além disso, com as atividades rítmicas é possível a melhora das questões relacionadas à psicomotricidade, beneficiando a coordenação motora global. Por fim, todo o aspecto emocional pode ser abordado ao se desenvolver atividades com a música na terapia com a criança autista. Segundo Sampaio (2018), é importante que a experiência musical seja utilizada em toda a sua integridade, plenitude e potência para transformação.

Apesar da importância e dos benefícios que aqui foram destacados, observou-se ausência de trabalhos empíricos que descrevam experiências com intervenções realizadas com crianças do TEA a partir do uso primordial da música. Diante dessa questão, conclui-se que, apesar dos resultados promissores aqui apresentados, se fazem necessárias mais pesquisas e estudos sobre o tema, para que a importância da música nessas intervenções possa ser mais amplamente identificada e descrita.

Ao finalizar este trabalho, cabe ainda destacar que a música como ferramenta utilizada no tratamento da criança com TEA deve ser utilizada e aplicada por profissionais habilitados, como musicoterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e demais profissionais da área da saúde, com conhecimento das técnicas necessárias para que os resultados sejam devidamente alcançados. A realização desta pesquisa, portanto, traz melhor compreensão das possibilidades, importância e benefícios da utilização da música no tratamento das crianças que apresentam quadro de TEA.

REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais - DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CARVALHO, Glória Maria Monteiro. O Ritmo como Questão nas Manifestações Singulares do Autista. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. 15, n. 4, p. 781-797, dezembro 2012.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Reme – Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 12-14, 2014.

FRANZOI, Mariana André Honorato; SANTOS, José Luiz Guedes; BACKES, Vânia Marli Schubert; RAMOS, Flávia Regina Souza. Intervenção Musical Como Estratégia de Cuidado de Enfermagem a Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em um Centro de Atenção Psicossocial. **Texto & contexto – Enfermagem**, v. 25, n. 1, p. 01-08, 2016.

FURTADO, Luis Achilles Rodrigues; VIEIRA, Camilla Araújo Lopes; STERVINO Adeline Annelise Marie; VIANA, Beatriz Alves. A Dimensão Musical de Lalíngua e seus Efeitos na prática com Crianças Autista. **Psicologia USP**, v. 28, n. 3, p. 337-345, 2017.

LOURO, Viviane. **Educação Musical, Autismo e Neurociências**. Curitiba: Appris, 2021.

LUCERO, Ariana; VIVÉS, Jean Michel; ROSI, Fernanda Stange. A Função Constitutiva da Voz e o Poder da Música no Tratamento do Autismo. **Psicologia em Estudo**, V. 26, p. 01-14, e48054, 2021.

MOUSINHO, Renata; CÂMARA, André; GIKOVATE Carla. Quem Canta, Seus Males Espanta: Um ensaio sobre autismo, cegueira, canto, inclusão, superação e sucesso. **Rev. Psicopedagogia**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 101, p. 196-205, jul. 2016.

NASCIMENTO, Paulyne Silva do; ZANON, Regina Basso; BOSA, Cleonice Alves; NOBRE, João Paulo Santos; JUNIOR, Áureo Déo de Freitas. Comportamentos de Crianças do Espectro do Autismo com seus pares no contexto de Educação Musical. **Rev. Bras. educ. espec.**, v. 21, n. 1, p. 93-110, jan.- mar. 2015.

OLIVEIRA, Francisca Vieira de; RÊGO, Marly Marques Neta; MAGALHÃES, Juliana Macêdo; OLIVEIRA, Adélia Dalva da Silva; AMORIM, Fernanda Claudia Miranda; CARVALHO, Claudia Maria de Sousa de. Contribuição da Musicoterapia no transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura. **J. nurs. health**, v. 11, n. 1, p. 1-13, abr. 2021.

ROCHA, Viviane Cristina da; BOGGIO, Paulo Sérgio. A música por uma óptica neurocientífica. **Per Musi - Revista Acadêmica de Música**, Belo Horizonte, n.27, p. 132-140, mai. 2013.

SAMPAIO, Renato Tocantins. O Protocolo de Análise Semiótica Musicoterapêutica de Canções e seu uso como instrumento de Avaliação Musicoterapêutica. **Rev. Música Hodie**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 307-326, jun. 2018.

SAMPAIO, Renato Tocantins; LOUREIRO, Veiga Cybele Maria; Gomes, Cristiano Mauro Assis. A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. **Per Musi - Revista Acadêmica de Música**, Belo Horizonte, n. 32, p. 137-170, set. 2015.

SILVA, Lorraine Ferreira. Os Efeitos Terapêuticos da Musicalização em Crianças com Transtorno do Espectro do Autista (TEA): Uma revisão da Literatura. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, e299985399, 2020.